Acervo ISA

Documentação
Acrítica (cidades)
29/4/2001 Pg C5
QINR Ø 150

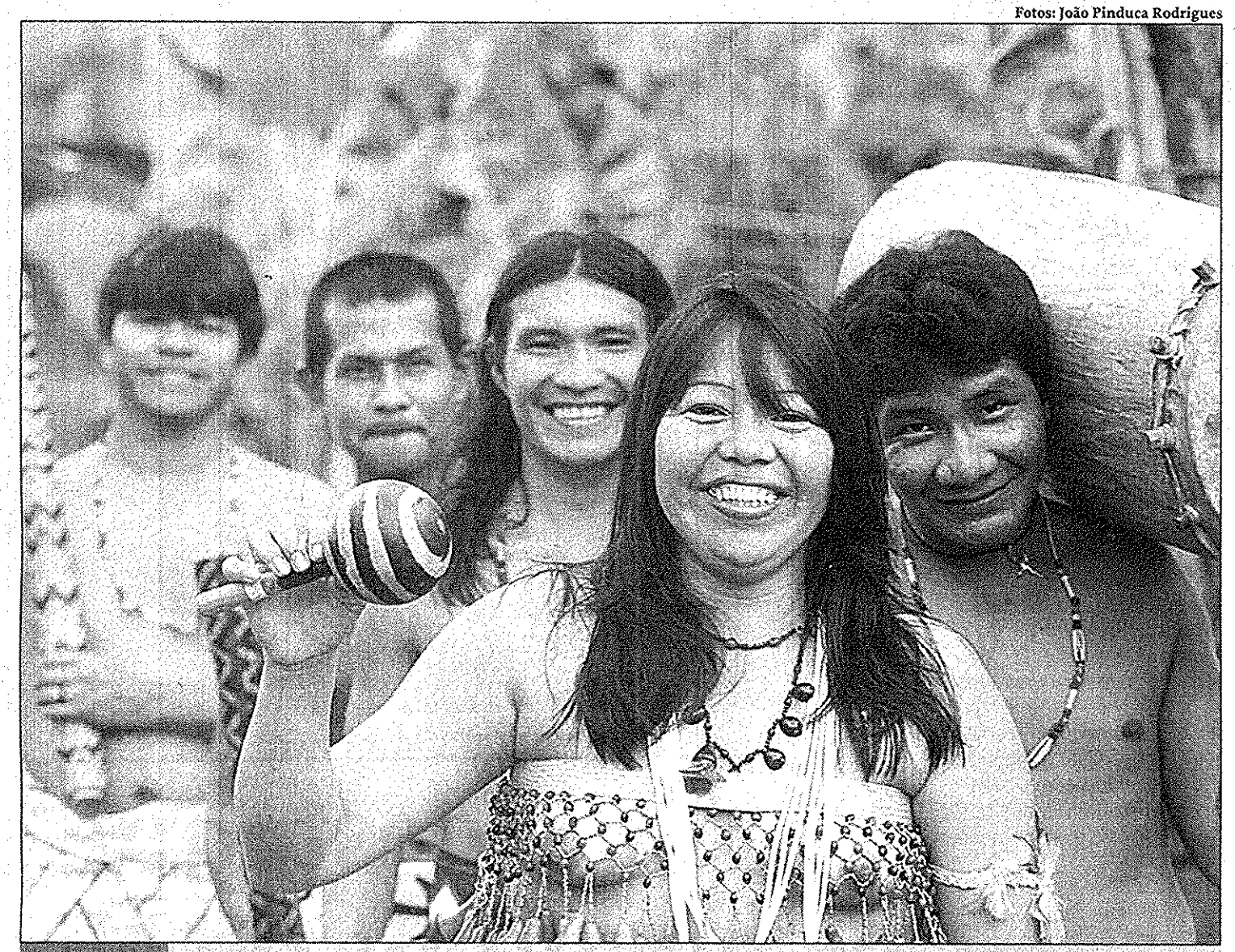
ATRAVÉS DA MÚSICA

Resgate da cultura indígena

ESTUDANTES DE ETNIAS DIFERENTES MONTAM GRUPO MUSICAL PARA PRESERVAR SEUS COSTUMES

RODRIGO ARAÚJO

Fotos: João Pinduca Rodrigues



PESQUISA Integrantes do Wiyaegütükumü estudam aspectos da cultura de cada membro do grupo

São 9h de uma manhã de sábado e os primeiros sons de tambor, maracá, pau de chuva e flauta sateré começam a ecoar nos arredores do Jardim Oriente, no bairro do Parque Dez, na Zona Centro-Sul. A melodia doce e serena, característica da música ameríndia, embala as letras de protesto que são cantadas na língua ticuna, baniwa e mundurucu. Um pedestre que por ventura passe desavisado pelo local, pensará logo que se trata de um ritual indígena, o que não deixa de ter um fundo de verdade. O som que sai de instrumentos tão "exóticos" vem sendo tocado há pouco mais de duas semanas pelo grupo Wiyaegütükumü (pronúncia semelhante a uidjagutucuma), formado por cinco estudantes indígenas da Universidade do Amazonas (UA).

O projeto dos estudantes Agnaldo Cardoso Mundurucu, 25, Luiz Fidelis Baniwa, 27, Maria Alcemira Félix Ticuna, 27, Osman Wüecü Ticuna, 25, e Rafael Adercio Custódio Ticuna, 29, começou durante o evento Semana dos Povos Indígenas, realizado de 15 a 22 de abril, no Parque do Mindu. "Sentimos a necessidade de mostrar um pouca da música, da dança e da língua de nossas tribos aos visitantes da semana. Como no Estado não havia nenhuma referência de música genuinamente indígena, decidimos montar o grupo para uma apresentação especial", explica Fidelis.

A apresentação do Wiyaegütükumü fez tanto sucesso que os cinco estudantes resolveram continuar o projeto para tentar resgatar elementos de suas culturas que foram perdidos ou esquecidos com o avanço da "civilização". "Nos reunimos para trocar idéias e informações sobre a cultura de cada um. A música surge da lembrança de antigos cantos que os mais velhos de nossas aldeias entoavam no dia-a-dia e nos rituais. Com a melodia pronta, passamos a trabalhar as letras com temas atuais e na nossa língua. É uma forma de atualizar a situação dos índios", comenta Rafael.

Maria Alcemira lembra que os cantos antigos puxam muito pela lamentação, seja pela morte de um ente querido ou pela perda de territórios, que eram ocupados por brancos ou por tribos rivais. "Mas também existem músicas que falam sobre a criação do mundo, sobre o poder de nosso deus Yoi-ipy e de como ele rege nossas vidas", ressalta.

Para Fidelis, o grupo é uma forma de seus integrantes se aproximarem de suas tradições, já que o fato de estar estudando na capital faz com que eles se distanciem de suas culturas. "Além de estar longe de nosso povo, ainda estamos inseridos num ambiente cultural adverso que é a universidade", avalia o estudante, que cursa o 1º período de História na UA.

VIDA DURA

Estudantes moram em república

Dos cinco integrantes do "grupo de cantores", um é acadêmico de História na UA e os outros participam do Curso Seqüencial para Lideranças Indígenas, coordenado por técnicos da universidade. Eles estão, em média, há três anos em Manaus e representam suas comunidades na cidade grande.

Rafael Ticuna está há cinco anos na capital e seu grande sonho é voltar para ajudar sua tribo, no Município de São Paulo de Olivença (a 988 quilômetros de Manaus). "Estamos aqui para adquirir conhecimentos que promovam uma melhoria de vida para nossos povos. Não viemos aleatoriamente, fomos escolhidos por nossas comunidades", explica.

Os cinco jovens moram numa casa do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam), numa espécie de república, onde também residem mais cinco índios de outras etnias que participam do curso. De acordo com Osman Ticuna, a casa foi doada por uma Organização Não-Governamental (ONG) norueguesa chamada Niseror. "A Fundação Nacional do Índio (Funai) banca a alimentação, mas as contas de água, luz e telefone somos nós quem pagamos com o dinheiro enviado por nossas comunidades. Na verdade, só continuamos na capital porque temos muita força de vontade, pois a situação geralmente é difícil", revela Osman.

Objetivo não é fazer sucesso

Diferente da maioria dos grupos musicais, a intenção dos integrantes do Wiyaegütükumü (que significa "grupo de cantores" na língua ticuna) não é entrar para as paradas de sucesso. De acordo com Fidelis, o grupo está preocupado primeiro em desenvolver um trabalho de pesquisa em cima da cultura de cada membro.

"Vamos estudar a língua, os costumes e o modo de fazer música de cada povo. Estamos encomendando nos próximos dias alguns tambores da região do Alto Rio Negro e flautas dessana e sateré-maué. O próximo passo será participar de oficinas com pessoas das próprias tribos para aprimorar nossa técnica. Queremos manter a fidelidade dos sons de cada etnia", afirma Fidelis.

Para o estudante, se o grupo conseguir registrar suas músicas em um CD será resultado de todo um trabalho de pesquisa que começa nas discussões em grupo e termina com a criação das composições. "Já estamos ensaiando sete músicas e temos mais oito para serem trabalhadas. São cantos nas línguas ticuna, baniwa, mundurucu e nhengatu. Não vou negar que pensamos em fazer sucesso, até porque somos estudantes e precisamos sobreviver na cidade grande longe de nossos familiares. Mas a fama não é o nosso objetivo", sustenta.

Na avaliação de Fidelis, mais importante do que fazer sucesso é promover a preservação de elementos da cultura indígena como a língua, a dança, as pinturas corporais e a música. "Estamos na capital apenas para aprimorar nosso conhecimento. Temos que aprender a conviver com os costumes locais sem deixar nossas tradições de lado. Inclusive, acho um absurdo que culturas tão ricas como as dos povos amazônicos tenham sido destruídas ao ponto de seus indivíduos sentirem vergonha de sua origem indígena", protesta.

MULTICULTURAL Instrumentos estão sendo encomendados de tribos de várias regiões

ANGÚSTIA E LAMENTAÇÃO

Letras são um grito de revolta

As músicas cantadas pelo grupo Wiyaegütükumü trazem letras cheias de protesto e lamentação pela situação precária em que os povos indígenas vivem atualmente em todo o País. Entoados de forma forte e vibrante, os cantos soam mais como gritos de uma raça que há séculos vem sendo oprimida pela dita "civilização". É bastante notável a expressão de angústia e revolta nos rostos dos estudantes quando cantam versos como o escrito a baixo:

Porque o Governo brasileiro não dá atenção para nós, será que ele ainda considera os índios como animais; lamentamos muito quando jogaram aquela bomba de oxigênio sobre nós, é triste vendo a criança chorando nessa comemoração dos 500 anos.
Nós indígenas de vários Estados, fizemos somente as reivindicações de 500 anos de existência de várias tribos nessa terra. Esse fato para nós é falta de consideração e falta de respeito do próprio Governo brasileiro.
O Governo sabe que somos nós os primeiros habitantes dessa terra maravilhosa, cheia de riqueza. Nós somos os verdadeiros donos, nativos dessa terra.
Nós somos os primeiros donos dessa terra que Deus criou, onde há cor verde e amarela e que se chama "Brasil".
Porque os brancos tomaram nossa terra?
Todas as riquezas que existem nessa terra pertencem a nós.
Vamos procurar o nosso direito de se organizar para nossos filhos que estão nascendo.
Porque nós que vamos defender os nossos filhos que estão na angústia, mesmo com as dificuldades, vamos lutar para sempre até o resto da vida.